



**FACULDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EaD)**

**ÁREA/SUBÁREA: LIBRAS/LINGUÍSTICA**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Libras, políticas educacionais para surdos e formação docente;
2. Estudos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais;
3. Cultura, Comunidade e Identidade Surda;
4. Ensino da Língua Brasileira de Sinais como primeira e segunda língua;
5. Educação Bilíngue para Surdos;
6. Educação de Surdos e as Novas Tecnologias.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. FERNANDES, Eulália. Surdez e bilinguismo. 6.ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. 103 p.
2. LANE, Harlan. A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. 286p.
3. FINGER, I. & QUADROS, R. M. de. Teorias de aquisição da linguagem. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
4. GESSER, Audrei. O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
5. \_\_\_\_\_, Libras?: que língua e essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.
6. PEREIRA, A. T. Cybis; STUMPF, Marianne Rossi & QUADROS, Ronice Müller de. (Orgs.). Coleção Letras Libras. UFSC: 2008. Disponível em [www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/)
7. QUADROS, Ronice Muller de & KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre, Artmed, 2004.
8. QUADROS, Ronice Muller de. Língua de sinais: instrumentos de avaliação. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011. 159p.
9. VASCONCELOS, Maria Lucia Barbosa de, Quadros, Ronice Muller de. Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais. Florianópolis, SC: Arara Azul, 2006. 407p.
10. SKLIAR, C. (org).. Atualidade da educação bilíngüe para surdos. Interfaces entre pedagogia e linguística. Porto Alegre: Mediação, v. 2, 1999."



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS (FACALE)**

**ÁREA/SUBÁREA: LÍNGUA PORTUGUESA/LINGUÍSTICA**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Teorias linguísticas;
2. Conhecimento científico e metodologias de pesquisas científicas na área de linguística;
3. Alfabetização e Letramentos;
4. Morfologia e sintaxe;
5. Semântica e pragmática no ensino de línguas;
6. Abordagem teórico-prática das ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, onomástica;
7. Linguagem, texto e discurso;
8. Ensino do texto científico;
9. Os gêneros acadêmicos e o ensino baseado em gêneros;
10. Perspectivas interculturais sobre o letramento.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. MACHADO, Anna Rachel (coord.) . São Paulo: Parábola, 2005. Planejar gêneros acadêmicos.
2. MACHADO, Anna Rachel (coord.) . Diários de leitura para a revisão bibliográfica. São Paulo: Trabalhos de pesquisa Parábola, 2007.
3. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.) . v. 2. 5. ed. São Paulo: Cortez, Introdução à Linguística. Brian, S. Perspectivas interculturais sobre o letramento. Em: Filol. linguíst. port., n. 8, p. 465-488, 2006.
4. ABAURRE, Maria Bernadete Marques; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade; FIAD, Raquel Salek. Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto. Campinas, SP: Associação de Leitura do Brasil, 2006. 200p.
5. SOARES, MAGDA. Alfabetização e letramento. . Sao Paulo: Contexto, 2007. 123p.
6. FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda Vailati; MÜLLER, Ana Lúcia. Um exemplo de análise e argumentação em sintaxe. Revista da ANPOLL, 1988.
7. AZEREDO, José Carlos de. Iniciação à sintaxe do português. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
8. ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. Semântica. 2. ed. São Paulo, SP: Ática, 1985. 96p.



9. ARMENGAUD, FRANCOISE. A pragmática. . Sao Paulo: Parabola, 2006. 159p. 10. ISQUERDO, Aparecida Negri; ABBADE, Celina. Ciências do léxico. Vol. IX. Campo Grande: Ed. UFMS, 2020.

### ÁREA/SUBÁREA: METODOLOGIA DO ENSINO DE TEATRO

#### PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA

1. Teatro, educação e os movimentos de(s)coloniais;
2. Drama como método de ensino: perspectivas formais e não formais;
3. Os jogos teatrais e a criação de espetáculos no ambiente formal de ensino;
4. Teatro, educação e formação do artista teatral;
5. Teatro, política, movimentos sociais e opressão: processos artísticos e educacionais;
6. Políticas públicas, teatro e a escola.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. In: Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/?lang=pt>>. Acesso em 09 de jun. de 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>
2. BELÉM, Elisa. Notas sobre o teatro brasileiro: uma perspectiva descolonial. In: Revista Sala Preta, São Paulo, v.16, n. 1, 2016, p.120-p.131. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/110637/114747>>. Acesso em: 09 de jun. de 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v16i1p120-131>
3. BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido. Rio: Civilização Brasileira, 1988.
4. BRECHT, Bertolt. Teatro Dialético. Rio: Civilização Brasileira, 1986.
5. CABRAL, Biange; PEREIRA, Diego de Medeiros. O espaço de jogo no Contexto do Drama. In: Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas. Universidade do Estado de Santa Catarina, v. 1, n.28. Florianópolis: UDESC/CEART, 2017, p. 285-301. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101282017285/6938>>. Acesso em 09 de jun. de 2021. DOI: <https://doi.org/10.5965/1414573101282017285>
6. CAMARGO, Robson Corrêa de. Neva Leona Boyd e Viola Spolin, jogos teatrais e seus paradigmas. In: Sala Preta, v.02, 2002, p.282-289. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57105/60093>>. Acesso em: 09 de jun. de 2021.
7. DESGRANGES, Flávio. Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2006.
8. PUPO, Maria Lucia de Souza Barros. Para desembaraçar os fios. In: Educação e Realidade: Porto Alegre, v.30, n.2, 2005, p.217-228. Disponível em:



**UFGD** Universidade Federal  
da Grande Dourados  
COORDENADORIA DO CENTRO DE SELEÇÃO

---

<<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12462/7384>>. Acesso em: 09 de jun. de 2021.

9. RYNGAERT, Jean-Pierre. Jogar, representar: práticas dramáticas e formação. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

10. SOUZA, Julianna Rosa. Personagem Negra: uma reflexão crítica sobre os padrões raciais na produção dramática brasileira. In: Revista Brasileira de Estudos da Presença, n.2, v.07, 2017. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/presenca/article/view/66612>>. Acesso em: 09 de jun. de 2021.



**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA (FACE)**

**ÁREA/SUBÁREA: CONTABILIDADE INTERMEDIÁRIA I E CONTABILIDADE INTERMEDIÁRIA II**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Avaliação e mensuração de ativos, passivos e patrimônio líquido;
2. Arrendamento Mercantil;
3. Instrumentos Financeiros;
4. Lucro Presumido e Simples Nacional;
5. Demonstrações consolidadas;
6. IR e CS diferidos;
7. Valor Justo considerando Ativos Biológicos;
8. Lucro Real.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. ALMEIDA, Marcelo Cavalcanti; ALMEIDA, Rafael Jachelli. Regulamentação Fiscal das Normas Contábeis do IFRS e CPC - Lei N° 12.973/14: Aspectos Contábeis e Fiscais. Atlas, 2015.
2. BRASIL. Lei n.º 6.404, de 15 de dezembro de 1976 e atualizações. Dispõe sobre as Sociedades por Ações. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6404consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6404consol.htm)>
3. COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS. Pronunciamentos Técnicos. Disponível em: <http://www.cpc.org.br/>.
4. ROGERS, D. L. Transformação Digital: repensando o seu negócio para a era digital. SERRA, A. C. C. (trad.). São Paulo: Autêntica Business, 2017.
5. FABRETTI, Lúaudio Camargo. Contabilidade Tributária, 17. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
6. FIPECAFI. Manual de contabilidade societária: aplicável a todas as sociedades – de acordo com as Normas Internacionais e do CPC. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2018
7. HURT, Robert L. Sistemas de Informações Contábeis. 3. ed. AMGH, 2014.
8. IASB. International Financial Reporting Standards. Disponível em: <<https://www.ifrs.org/>>
9. LOPES, A. B; LIMA, I. S.; GALDI, F. C. Manual de Contabilidade e Tributação de Instrumentos Financeiros e Derivativos. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.



## ÁREA/SUBÁREA: ECONOMIA/TEORIA ECONÔMICA

### PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA

1. Mercado de bens e modelos Keynesianos simples de determinação de renda e IS-LM;
2. Macroeconomia: balanço de pagamentos, taxa de câmbio e regimes cambiais;
3. Teoria do consumidor;
4. Teoria Elementar da Oferta e da Demanda;
5. Estruturas de Mercado;
6. Teoria da Produção;
7. A economia brasileira pós Plano Real.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABREU, Marcelo de Paiva et ali. **A ordem do progresso: cem anos de política econômica brasileira: 1889-1989**. Rio de Janeiro, Campus, 1989.
2. BAER, Werner. **A economia brasileira: Uma abordagem profunda da economia brasileira até 2008**. 3.ed. Sao Paulo: Nobel, 2009. 541p.
3. BLANCHARD, Olivier. **Macroeconomia**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Pearson, 2011. 600p.
4. BORGES, Maria Angélica; REGO, José Marcio; MARQUES, Rosa Maria. **Economia brasileira**. São Paulo: Saraiva, 2006.
5. DORNBUSCH, Rudiger & FISCHER, Stanley. **Macroeconomia**. São Paulo: Makron, 1991.
6. FROYEN, Richard T. **Macroeconomia: teorias e aplicacoes**. 2. ed . Sao Paulo: Saraiva, 2013. 512 p.
7. GREMAUD, Amaury Patrick; TONETO JUNIOR, Rudinei; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. **Economia brasileira contemporânea**. 7. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010. 659p.
8. MANKIW, N. Gregory. **Macroeconomia**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016. 457p.
9. PINDYCK, Robert S; RUBINFELD, Daniel L. **Microeconomia**. 7. ed. Sao Paulo, SP: Pearson, 2010. 647p.
10. PINHO, Diva Benevides & VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de (Orgs.). **Manual de economia**. 6. ed. Sao Paulo, SP: Saraiva, 2011. 670p.
11. SACHS, Jeffrey D.; LARRAIN B, Felipe. **Macroeconomia: em uma economia global**. (Revisada e Atualizada). São Paulo: Pearson Education, 2006. 848p.
12. VARIAN, Hal R. **Microeconomia: uma abordagem moderna**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016. 806 p.
13. VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de; OLIVEIRA, Roberto Guena de; BARBIERI, Fabio. **Manual de microeconomia**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 374 p.
14. VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval. **Manual de macroeconomia: nível básico e nível intermediário**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2014. 512p.



**FACULDADE DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA (FACET)**

**ÁREA/SUBÁREA: MATEMÁTICA**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Conjuntos numéricos infinitos;
2. Derivada de funções de uma variável real e aplicações;
3. Funções inversas e suas derivadas;
4. Integrais indefinidas e definidas de funções de uma variável real e aplicações;
5. Teorema Fundamental do Cálculo e aplicações;
6. Estudo da Variação das Funções.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. ANTON, H.; BIVENS, I.; DAVIS, S. Cálculo. vol 1, 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.
2. FLEMMING, D. M.; GONÇALVES, M. B. Cálculo A: funções, limite, derivação e integração, 6.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.
3. GUIDORIZZI, H. L. Um curso de Cálculo, vol. 1, 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. STEWART, J. Cálculo, vol. 1, 4 ed. São Paulo: Pioneira, 2001.
4. SWOKOWSKI, E. W. Cálculo com Geometria Analítica, vol. 1, 2 ed. São Paulo: MAKRON THOMAS, George. Cálculo. vol. 1, 11ª ed. Pearson, 2009.
5. Piskounov, N. Cálculo, vol. 1, Diferencial de Integral, 6 ed. em língua portuguesa, Porto, 1978.
6. AVILA, Geraldo. Cálculo da funções de uma variável,

**ÁREA/SUBÁREA: EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. A formação de professores de Matemática: desafios e perspectivas;
2. Tecnologias digitais na formação de professores de matemática e suas relações com a Educação Básica;
3. Estágios supervisionados na formação inicial de professores de Matemática;
4. Recursos didáticos para o ensino da matemática na Educação Básica;
5. O Tratamento da Informação na formação de professores de matemática e suas relações com a Educação Básica;
6. Tendências em Educação Matemática;
7. História da Matemática na formação de professores matemática e suas relações com a Educação Básica.



### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. BICUDO, Maria Aparecida Viggiane; BORBA, Marcelo De Carvalho (Orgs.). Educação matemática: pesquisa em movimento. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
2. BORBA, Marcelo de Carvalho; PENTEADO, Miriam Godoy. Informática e Educação Matemática. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
3. CARVALHO, Dione Lucchesi de. Metodologia do Ensino da Matemática. 3a ed. São Paulo: Cortez, 2009. D'AMBROSIO, Ubiratan. Educação Matemática: Da Teoria à prática. Campinas: Papirus, 1996.
4. FIORENTINI, Dario. (Org.). Formação de professores de matemática: explorando novos caminhos com outros olhares. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003, 248p.
5. PAIS, Luiz Carlos. Ensinar e aprender Matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
6. SANCHO, Juana Maria. De tecnologia da informação e comunicação a recursos educativos. In: SANCHO, J. M; HERNÁNDEZ, F. (Org.). Tecnologias para transformar a educação. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.15-42.
7. VALENTE, Wagner Rodrigues. Uma história da matemática escolar no Brasil, 1730-1930. São Paulo: Annablume, 1999.

### **ÁREA/SUBÁREA: QUÍMICA/QUÍMICA GERAL**

#### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Estrutura atômica;
2. Estequiometria;
3. Conceitos básicos de ligação química;
4. Equilíbrio químico;
5. Termodinâmica química;
6. Introdução à química orgânica;
7. Cinética Química;
8. Propriedades periódicas dos elementos químicos.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. Brown, T.L.; Lemay, H.E.; Burstein, B.E. Química: a Ciência Central. 9ª. Ed. Pearson, 2005.
2. Atkins, P.; Jones, L. Princípios de Química Geral: questionando a vida moderna. 3ª. Ed. Bookman, 2006.
3. Levine, I. N. Físico-Química. v. 1, 6ª Ed. LTC, 2012.
4. Solomons, T.W.G.; Fryhle, C.B. Química Orgânica, v. 1 e 2, 10ª. Ed., LTC, 2012.
5. Shriver e Atkins, Química Inorgânica. 3ª. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.



6. Miessler, G. L.; Tarr, D. A. Inorganic Chemistry. New Jersey: Prentice Hall Inc., 1999

### **ÁREA/SUBÁREA: CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO/REDES DE COMPUTADORES**

#### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Protocolo Ethernet;
2. Protocolo TCP-IP;
3. Protocolo de roteamento OSPF;
4. Protocolos de rede sem fio;
5. Criptografia de chave pública e PGP;
6. Sistemas de produção contínuos e de eventos discretos;
7. Sensores, atuadores, controladores lógicos programáveis;
8. Técnicas inteligentes de planejamento e controle da produção.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. COMER, DOUGLAS E. Redes de computadores e internet: abrange transmissão de dados, ligações inter-redes, Web e aplicações. 4. Porto Alegre: Bookman, 2007.
2. KUROSE, James F; ROSS, Keith W. Redes de computadores e a Internet: uma abordagem top-down. 3. ed. Sao Paulo, SP: Pearson Addison Wesley, 2006.
3. STALLINGS, W. Data and Computer communications. 8. ed. Upper Saddle River: Prentice-Hall, 2006.
4. DAVID, J. W, TANENBAUM, A. S. Redes de Computadores. 5ª ed. Pearson, São Paulo, 2011.
5. PETERSON, LL; DAVIE, BS. Redes de Computadores: Uma Abordagem de Sistemas. 5. ed. Editora: CAMPUS - RJ, 2007.
6. CAPELLI, Alexandre. Automação industrial: controle do movimento e processos contínuos. 2. ed. São Paulo: Erica, 2008.
7. MORAES, Cícero Couto de; CASTRUCCI, Plínio de Lauro. Engenharia de Automação Industrial – Hardware e Software, Redes de Petri, Sistemas de Manufatura, Gestão da Automação. Editora: LTC- Livros Técnicos e Científicos. 2001.
8. PRUDENTE, Francesco. Automação Industrial - Plc: Teoria e Aplicações. Editora: LTC. Edição: 2a. 2011.

### **ÁREA/SUBÁREA: SISTEMAS COMPUTACIONAIS/ARQUITETURA DE COMPUTADORES e SISTEMAS OPERACIONAIS**

#### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Memórias cache e interna;



2. Aritmética computacional;
3. Estrutura e função do microprocessador;
4. Paralelismo em nível de instruções e processadores superescalares;
5. Processos e Threads;
6. Gerenciamento de memória;
7. Sistemas de arquivos;
8. Sincronização de processos e impasses.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. DEITEL, H. M.; DEITEL, P. J.; CHOFFNES, D. R. Sistemas operacionais. 3ª ed. São Paulo: Pearson, 2005.
2. PATTERSON, DAVID A. and HENNESSY, JOHN L.; Computer Organization and Design, Fourth Edition: The Hardware/Software Interface (The Morgan Kaufmann Series in Computer Architecture and Design), 2011.
3. STALLINGS, WILLIAM; BOSNIC, IVAN; VIEIRA, DANIEL. Arquitetura e organização de computadores. 8ª Edição. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.
4. SILBERSCHATZ, A.; GAGNE, G.; GALVIN, P. B. Sistemas operacionais: com java. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
5. TANENBAUM, A. S. Sistemas operacionais modernos. 3ª ed. São Paulo: Pearson, 2010.
6. JOSÉ, D.; CARLOS, R. Arquitetura de Computadores, 5ª edição. [Digite o Local da Editora]: Grupo GEN, 2017.

### **ÁREA/SUBÁREA: FÍSICA/ENSINO DE FÍSICA**

#### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Experimentação no ensino de Física;
2. Teorias da aprendizagem para o ensino de Física;
3. Divulgação científica e o ensino de Física;
4. Formação inicial e continuada de professores de Física;
5. História da ciência, epistemologia e ensino de Física;
6. Física moderna e contemporânea para o Ensino Médio.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. ASTOLFI, J. P.; DEVELAY, M. A didática das ciências. 4. Ed. Campinas: Papirus, 1995.
2. ZABALA, ANTONI. A prática educativa: como ensinar. São Paulo: Penso Editora, 2015.



3. CARVALHO, A. M. P.; GIL-PEREZ, D. Formação de professores de ciências: Tendências e Inovações. 9. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009. V. 26. 120 p.
4. CARVALHO, A. M. P. Ensino de ciências-unindo a pesquisa e a prática. Cengage Learning Editores, 2004.
5. DELIZOICOV, D. e ANGOTTI, J. A. Física. São Paulo: Cortez, 1999.
6. DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A e PERNAMBUCO, M. M. Ensino de ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.
7. CHALMERS, A. F. O que é ciência afinal? São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
8. MATTHEWS, M. R. História, Filosofia e Ensino de Ciências: a tendência atual de reproximação. Caderno Catarinense de Ensino de Física, v.12, no 3: p. 164-214, dez. 1995.
9. MONTEIRO, M. A.; NARDI, R.; BASTOS FILHO, J. B. B. Dificuldades dos professores em introduzir a física moderna no ensino médio: a necessidade de superação da racionalidade técnica nos processos formativos. In: NARDI, R. org. Ensino de ciências e matemática, I: temas sobre a formação de professores [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 258 p.

#### **ÁREA/SUBÁREA: FÍSICA/FÍSICA GERAL**

##### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Cinemática do movimento em uma e duas dimensões;
2. Leis de conservação na mecânica newtoniana;
3. Movimento oscilatório e suas aplicações;
4. Ondas mecânicas;
5. Fluídos;
6. Leis da termodinâmica;
7. Cargas Elétricas e Campos Elétricos;
8. Campos Magnéticos;
9. Equações de Maxwell.

##### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. ALONSO, M.; FINN, E. J. Física: um curso universitário. Volumes 1 e 2, São Paulo: Edgard Blucher, 1972.
2. EISBERG, R.; RESNICK R. Física quântica. Ed Campus Ltda. Rio de Janeiro, 1986.
3. HALLIDAY, D.; RESNICK, R.; WALKER, J. Fundamentos de Física. Volumes 1, 2, 3 e 4. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
4. NUSSENZVEIG, H. M. Curso de Física Básica. volumes 1, 2, 3 e 4. 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2002.



**UFGD** Universidade Federal  
da Grande Dourados  
COORDENADORIA DO CENTRO DE SELEÇÃO

---

5. SEARS, F.; ZEMANSKY, M. W.; YOUNG, H. D. Física. Volumes 1, 2, 3 e 4. Rio de Janeiro LTC, 2009.

6. TIPLER, P. A.; MOSCA, G. Física para cientistas e engenheiros. Volumes 1, 2 e 3. 6. ed. Rio de Janeiro LTC, 2009.



**FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS (FADIR)**

**ÁREA/SUBÁREA: POLÍTICA INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Organismos multilaterais e a governança global;
2. Cooperação Internacional e Governança Global;
3. Meio ambiente, crise climática e desenvolvimento sustentável;
4. Deslocamentos populacionais, migrações de crise e refugiados;
5. Integração regional, cooperação e desenvolvimento em regiões de fronteira;
6. Democracia, Tecnologias e a política internacional.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. ALTEMANI, H.; LESSA, A. C. Relações Internacionais do Brasil: temas e agendas. São Paulo: Saraiva, 2012.
2. BAENINGER, Rosana; (Org.). Migrações Fronteiriças. 1. ed. Campinas: NEPO/UNICAMP-Fundo de População das Nações Unidas, 2018
3. BAYLIS, John; SMITH, Steve. The globalization of world politics: an introduction to international relations. 5. ed. New York: Oxford University Press, 2011.
4. ESPÓSITO NETO, T. PRADO, H. Fronteiras e Relações Internacionais. 1. ed. Curitiba: Editora Íthala, 2015.
5. LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2018. RIBEIRO, Wagner Costa. A ordem ambiental internacional. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
6. MILANI, Carlos. Solidariedade e Interesse: motivações e estratégias na cooperação internacional para o desenvolvimento. Curitiba: APPRIS, 2018.
7. RIBEIRO, Wagner Costa. A ordem ambiental internacional. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.



**FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA (FAIND)**

**ÁREA/SUBÁREA: CIÊNCIA HUMANAS/EDUCAÇÃO**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Teatro e Ensino;
2. Cinema e Ensino;
3. Música e Ensino;
4. História, Conceitos e Princípios da Educação Popular;
5. Movimentos Sociais do Campo e Educação;
6. Currículo e formação de professores da educação do campo;
7. Políticas públicas e educação do campo;
8. Organização da escola do campo (alternância; multisseriação, nucleação).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. BOAL. Augusto: **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**, Civilização Brasileira, 1988.
  2. FRANCO, Marília da Silva. A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais. In: \_\_\_\_\_. **Cinema: uma introdução à produção cinematográfica**. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1992.
  3. ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
  4. FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982a.
  5. GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
  6. MARTINS, Aracy Alves; ANTUNES – ROCHA, Maria Isabel. **Educação do campo** - Desafios para a formação de professores. Editora Autêntica, 2011. 366p. (Coleção: [Caminhos da Educação do Campo](#)).
  7. KOLLING Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salette (organizadores). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas** Em Aberto/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Educação do Campo. Brasília, v. 24, n. 85, p. 1-177, abr. 2011. Versão On line disponível em: <http://educampoparaense.org/site/media/em%20aberto%20educacao%20do%20campo%2085.pdf>
  8. ROCHA, Maria Isabel Antunes; HAGE, Salomão Murarrej (Org.) **Escola de Direito: reinventando a escola multisseriada**. Belo Horizonte: Autêntica, Editora, 2010. – (Coleção Caminhos da Educação do Campo; 2).
-



## ÁREA/SUBÁREA: BIOLOGIA GERAL

### PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA

1. Tecnologia, Sociedade e Ambiente e o Ensino de Ciências da Natureza nas Escolas do Campo;
2. Didática e avaliação no ensino de Ciências da Natureza nas Escolas do Campo: perspectivas teóricas e metodológicas;
3. Recursos didáticos e o ensino experimental de Ciências da Natureza nas Escolas do Campo: possibilidades e desafios;
4. Interdisciplinaridade e contextualização no ensino de Ciências da Natureza nas Escolas do Campo;
5. O Currículo e a formação de professores de Ciências da Natureza;
6. Os livros didáticos: seu papel e os desafios para o ensino de Ciências da Natureza nas Escolas do Campo;
7. Projetos de intervenção e/ou pesquisa na formação de professores de Ciências da Natureza para a realidade das Escolas do Campo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. Por uma Educação do Campo. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2004.
2. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI. Educação do Campo: marcos normativos/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – Brasília: SECADI, 2012. 96 p. Disponível em: [http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib\\_educ\\_campo.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_educ_campo.pdf)
3. BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)
4. BRASIL. Ciências da natureza e suas tecnologias: livro do estudante: ensino médio/Coordenação: Zuleika de Felice Murrie. — 2. ed. — Brasília: MEC: INEP, 2006. 298p. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/encceja/material\\_estudo/livro\\_estudante/ciencias\\_naturais\\_em\\_br.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/encceja/material_estudo/livro_estudante/ciencias_naturais_em_br.pdf)
5. CACHAPUZ, Antônio; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de; GIL-PÉREZ, Daniel. A necessária renovação do ensino de ciências. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
6. CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (org). Ensino de Ciências: unindo a pesquisa e a prática. São Paulo: Cengage Learning, 2009.
7. CARVALHO, A. M. P.; GIL-PÉREZ, D. A formação de professores de Ciências. São Paulo: Cortez, 2003.
8. MOLINA, M. C. (Org.). Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão. Ministério do Desenvolvimento Agrário: Brasília, 2006.



9. FALEIRO, W.; RIBEIRO, G.K; SILVA, L.C. da. **Ciências da natureza na diversidade dos contextos educacionais.** /Wender Faleiro, Geize Kelle Ribeiro, Lázara Cristina da Silva (Organizadores). – Goiânia: / Kelps, 2020. 433 p.: il. Disponível em: [https://www.kelps.com.br/wp-content/uploads/2020/03/ciencias-da-natureza-na-diversidade\\_ebook.pdf](https://www.kelps.com.br/wp-content/uploads/2020/03/ciencias-da-natureza-na-diversidade_ebook.pdf)

10. SED/MS. Organização do currículo nas escolas do campo. Disponível em: [https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO9602\\_26\\_02\\_2018](https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO9602_26_02_2018)

### **ÁREA/SUBÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA**

#### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. História do Brasil: ditadura, movimentos sociais e a democracia;
2. História dos povos indígenas no Brasil;
3. Epistemologias do Sul: colonialidade e pós colonialidade;
4. Formação do Estado nacional brasileiro: concentração fundiária e reforma agrária;
5. História dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul;
6. A formação por alternância nos cursos de licenciatura em educação do campo.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. ALCANTRA FILHO, José Luiz; FONTES, Rosa Maria Oliveira. A formação da propriedade e concentração de terras no Brasil. Heera: Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada. v. 4, n. 7, Jul-Dez 2009, p. 64-85.
2. CAMACHO, Rodrigo Simão; KNAPP, Cássio. A formação de educadores dos povos do campo em alternância: TEKO ARANDU e LEDUC. In: Congresso de Educação da Grande Dourados, 2, 2016 Dourados - MS. Anais... Dourados - MS: UFGD, 2016. v.1. p.1 – 15.
3. CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Cia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.
4. CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle (orgs.). Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.
5. FICO, Carlos. Além do Golpe: Versões e Controvérsias sobre 1964 e a Ditadura. Rio de Janeiro: Record, 2004.
6. GOHN, Maria da Gloria. Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
7. LANDER, EDGARDO. A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.
8. Molina, M. C., Martins, M. de F. A., & Antunes-Rocha, M. I. (2021). Formação em Alternância nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo desenvolvidos na UnB e na UFMG:



articulando universidade, campo e escola numa perspectiva socioterritorial. Revista Brasileira De Educação Do Campo, 6, e11856.

9. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.) Epistemologias do Sul. São Paulo; Editora Cortez, 2010.

10. VEIGA, José Eli da. O que é reforma agrária. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

### ÁREA/SUBÁREA: EDUCAÇÃO MATEMÁTICA/ETNOMATEMÁTICA

#### PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA

1. Etnomatemática e suas possibilidades pedagógicas;
2. Matemática e Educação Intercultural;
3. Matemática, cultura e poder;
4. Educação Matemática e temas políticos sociais;
5. Matemática, bilinguismo e educação escolar indígena;
6. Matemática, ciência e imperialismo cultural;
7. Etnomatemática e Pedagogia da Alternância.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BENITES, E. ***Oguata pyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da reserva indígena Te'ýikue.*** Dissertação (mestrado em educação) – UCDB, Campo Grande, 2014.
2. BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **As Leis e a Educação Escolar Indígena.** Brasília: MEC/Secad, 2005
3. D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
4. KNIJNIK, G. **Educação Matemática, culturas e conhecimento na luta pela terra.** Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2006.
5. MORAES, M. S. S [et al.]. **Educação Matemática e temas político sociais.** Campinas-SP: Autores Associados, 2008.
6. OLIVEIRA, M. A. M. **Práticas vivenciadas na constituição de um curso de licenciatura indígena em matemática para as comunidades indígenas Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul.** 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). UFMS, Campo Grande, MS, 2009.
7. VERGANI, T. **Educação etnomatemática: o que é?** Natal: Flecha do Tempo, 2007. (Coleção Metamorfose – Numero Especial).
8. VERGANI, T. **Matemática e linguagem(s): olhares interactivos e transculturais.** Lisboa: Padora, 2002.



9. Walsh, Catherine. **Interculturalidad, estado, sociedad luchas (de)coloniales de nuestra época**. Universidad Andina Simón Bolívar / Ediciones Abya-Yala, Quito, marzo 2009b.
10. GIMONET, J.C. A alternância na formação. Método pedagógico ou novo sistema educativo? A experiência das MFRs. – in: “Alternance, Développement Personnel et Local”, Demol Jean-Noël et Pilon JeanMarc, coordinateurs, l’Harmattan, Paris, 1998 – Tradução por Thierry De Burghgrave.

**ÁREA/SUBÁREA: ETNOHISTÓRIA/HISTÓRIA, GEOGRAFIA, CIÊNCIAS SOCIAIS, FILOSOFIA, ANTROPOLOGIA**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. O estado brasileiro e suas relações com os povos indígenas;
2. Os Guarani e Kaiowá contemporâneos;
3. As lógicas Guarani e Kaiowá: coletivos humanos, espaço e tempo, interculturalidade na escola indígena: limites e possibilidades;
4. A territorialidade Guarani e Kaiowá no ensino da escola indígena;
5. O ensino multidisciplinar da Ciências Humanas para a formação de professores indígenas e a Base Nacional Comum Curricular;
6. Transformações no território e na sociedade Guarani e Kaiowá.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. BENITES, Eliel; PEREIRA, Levi Marques. Os conhecimentos dos Guardiões dos modos de ser – teko jára, habitantes de patamares de existência tangíveis e intangíveis e a produção dos coletivos Kaiowá e Guarani. **Revista Tellus** ano 21 N. 44 2021.
2. BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Estados nacionais e povos indígenas: análise da experiência guarani**. Cadernos do CEOM – Ano 24, n. 33 – Dossiê 20 anos do curso de História da Unochapecó
3. CASARO, Adir. Os processos próprios de aprendizagens e a formação de professores indígenas. In: **Revista Práxis Educativa**. v. 7 n. 2012
4. KNAPP, Cássio. **Educação escolar indígena: o ensino bilíngue e os Guarani e Kaiowá**. Editora CRV, Curitiba, 2020.
5. LADEIRA, Maria Ines. A conservação da Mata Atlântica e “a permanência da terra” no cenário atual do território Guarani. **Revista de Estudos e Pesquisa das Américas** v.14 n. 03, 2020;
6. PEREIRA, Levi Marques. A Reserva Indígena de Dourados: a atuação do Estado brasileiro e o surgimento de figuras indígenas multiétnicas. In: CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle (org). **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.



**FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FAED)**

**ÁREA/SUBÁREA: EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SAÚDE**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. O estágio como campo de conhecimento: reflexões teórico-práticas;
2. Aspectos específicos do Estágio Supervisionado e da Prática de Ensino de Educação Física na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio;
3. Ginástica Geral e Educação Física escolar: processos pedagógicos e criativos;
4. O conteúdo Dança nas aulas de Educação Física;
5. Bases fisiológicas aplicadas à Educação Física: conceitos e reflexões teórico-práticas;
6. A influência do exercício físico nos sistemas biológicos: aspectos gerais para o trabalho do professor de Educação Física;
7. As diversas modalidades de Lutas como conteúdos da Educação Física;
8. O ensino do voleibol na Educação Física Escolar.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. AYOUB, E. Ginástica geral e educação física escolar . 3.ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2013. 141 p.
2. COSTANZO, L S. Fisiologia. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2011. 496p.
3. DARIDO, S. C. Educação física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2011.
4. DARIDO, S. C. Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola. 7.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.
5. GAIO, R.; GÓIS, A. A. F.; BATISTA, J. C. F. (Orgs.). A ginástica em questão : corpo e movimento . 2. ed. rev. e ampl. São Paulo : Ed. Phorte, 2010. 487p.
6. GALLAHUE, D. L.; DONELLY, F. C. Educação física desenvolvimentista para todas as crianças. 4.ed. São Paulo: Phorte, 2008.
7. GUYTON, A. C; HALL, J. E. Tratado de fisiologia médica. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2006. 1115p.
8. MCARDLE, W. D.; KATCH, V. L; KATCH, F. I. Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2010. 1061p.
9. RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O ensino das lutas na escola** : possibilidades para a educação física . Porto Alegre: Penso, 2017. xii, 208 p.
10. SANTINI, J.; LIMA, L. D. C. **Voleibol escolar**: da iniciação ao treinamento. Canoas, RS: Ed. da ULBRA, 2007.



## **ÁREA/SUBÁREA: PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS)**

### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Didática e formação de professores;
2. Teoria e prática do currículo;
3. Tendências pedagógicas contemporâneas;
4. Avaliação da aprendizagem;
5. Desafios do estágio supervisionado na Pedagogia;
6. Planejamento das práticas pedagógicas;
7. Políticas e gestão educacional.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. LIBANEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.
2. LIBANEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: pedagogia crítico social dos conteúdos. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
3. LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 2008.
4. PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. Estágio e docência. 8ªed. São Paulo: Cortez, 2017.
5. PIMENTA, Selma Garrido (Org.) Didática e Formação de Professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. São Paulo: Cortez, 2000.
6. VASCONCELLOS, Celso dos S. Planejamento: Projeto de ensino-aprendizagem e projeto políticopedagógico. São Paulo: Libertad, 2000.
7. VIEIRA, Sofia L. Política(s) e Gestão da Educação Básica: revisitando conceitos simples. RBPAE, v.23, n.1, p. 53-69, jan./abr. 2007.
8. YOUNG, Michael. Teoria do currículo: o que é e porque é importante. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.44, n.151 p.190-202 jan./mar. 2014.



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE (FCS)**

**ÁREA/SUBÁREA: ANATOMIA CIRÚRGICA**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

- 1 Anatomia cirúrgica biliar;
2. Anatomia cirúrgica da região anal;
3. Abdômen agudo;
4. Punção e drenagem pleural;
5. Acesso venoso central;
6. Anatomia cirúrgica das hérnias inguinais;
7. Anatomia cirúrgica do aparelho digestório;
8. Anatomia cirúrgica do sistema respiratório;
9. Anatomia cirúrgica do pescoço;
10. Anatomia cirúrgica do sistema genitourinário.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A. Anatomia humana: sistêmica e segmentar. 3. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2011.
2. GARDNER, ERNEST; GRAY, DONALD J.; O'RAHILLY, RONAM. Anatomia: estudo regional do corpo humano. 4. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
3. GODENBERG, S.; Bevilaqua, R.G. Bases da Cirurgia: 2ª Ed. EPU, 2005.
4. GOFFI, F.S. Técnica Cirúrgica – Bases Anatômicas – Fisiopatologia e Técnicas e da Cirurgia : 4. Ed., 2001.
5. MOORE, Keith L; DALLEY, Arthur F. Anatomia orientada para a clínica. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2001.
6. NETTER, Frank H. Atlas de anatomia humana. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.
7. ROHEN, JOHANNES W. (JOHANNES WILHELM); YO-KOCHI, CHIHIRO; LUTJEDRECOLL, ELKE. Anatomia humana: atlas topográfico de anatomia sistêmica e regional. 6. São Paulo: Manole, 2007.
8. SOBOTTA- Atlas de Anatomia Humana - 3 volumes- 23.ed. Guanabara Koogan, 2013.
9. TOWNSEND, M.C.; Sabiston Junior, D.C.; Sabiston, D.B. Tratado de Cirurgia: 17.ed .Elsevier, 2005.
10. WAY, L. Cirurgia: Diagnóstico e Tratamento. 11. ed. Guanabara Koogan.



### **ÁREA/SUBÁREA: GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA**

#### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Avaliação da vitalidade fetal;
2. Câncer de endométrio;
3. Câncer do colo uterino;
4. Trabalho de parto prematuro;
5. Rotura prematura de membranas;
6. Endometriose;
7. Mioma uterino;
8. Perfil biofísico fetal;
9. Assistência pré-natal;
10. Planejamento familiar.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. CUNNINGHAM, F. et.al. Obstetrícia de Williams. 23.ed. AMGH São Paulo: ARTMED, 2014.
2. FEBRASGO. Tratado de Ginecologia. Revinter, 2000.
3. FREITAS, F. Rotinas em Ginecologia. 5.ed. Artmed: 2006.
4. HOFFMAN, B.L. et.al. Ginecologia de Williams. 2.ed. AMGH. São Paulo: ARTMED, 2014.
5. NEME, B. Obstetrícia Básica. 3.ed. Savier, 2005.
6. PASTORE, A. R. Ultra-Sonografia em Ginecologia e Obstetrícia. Revinter, 2003.
7. PINOTTI, J. A.; DA FONSECA, Â. M.; BAGNOLI, V. R. Tratado de Ginecologia. Revinter, 2004.
8. REZENDE, J.; MONTENEGRO, C. A. B. Obstetrícia Fundamental. 10.ed. Guanabara Koogan, 2008.
9. REZENDE, Jorge de. Obstetrícia. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2005.
10. ZUGAIB M. Obstetrícia. 2.ed. São Paulo: Manole,2012

### **ÁREA/SUBÁREA: SEMIOLOGIA**

#### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Insuficiência renal aguda;
2. Doenças vasculares cerebrais isquêmicos e hemorrágicos;
3. Trombose venosa profunda e Tromboembolismo pulmonar;
4. Insuficiência cardíaca congestiva e insuficiência coronariana;
5. Diabetes Mellitus- complicações crônicas;



6. Hipertensão Arterial Sistêmica;
7. Febre Reumática;
8. Sepsis;
9. Pneumonia;
10. Asma.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. AUSIELLO, D.; GODMAN, L. Cecil- Tratado de Medicina Interna. 22.ed, 2005.
2. BENSENOR, I. J. M.; ALTA, J.A.; MARTINS, M. de A. Semiologia clínica. São Paulo: Sarvier, 2009
3. BRAUWNWALD, E.; KASPER, E.L.; HAUSER, S.L. Harrison. Medicina Interna. 17.ed, São Paulo: MacGraw Hill, 2008.
4. COUTO, A. A. Semiologia cardiovascular. São Paulo: Atheneu, 2002
5. GOLDMANN, I; AUSIELLO, D. Cecil. Tratado de Medicina Interna. 22.ed. São Paulo: Elsevier, 2005.
6. HARRISON. Medicina interna. 18. ed. Porto Alegre, RS: AMGH, 2013. v.1.
7. HARRISON. Medicina interna. 18. ed. Porto Alegre, RS: AMGH, 2013. v.2.
8. LOPEZ, MARIO; LAURENTYS-MEDEIROS, JOSE DE. Semiologia médica: as bases do diagnóstico clínico: volume II. 4. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.
9. PORTO, C.C. Semiologia Médica. Guanabara Koogan. 5. ed, 2005.
10. SWARTZ, MARK H. Tratado de semiologia médica: história e exame clínico. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

#### **ÁREA/SUBÁREA: NUTRIÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA**

##### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Histórico da Saúde Pública no Brasil;
2. Sistema Único de Saúde: princípios, diretrizes e funcionamento;
3. Histórico das Políticas e Programas de Alimentação e Nutrição no Brasil;
4. Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN);
5. Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN);
6. Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE);
7. Vigilância Alimentar e Nutricional;
8. Saúde e Nutrição de Povos Indígenas do Brasil;
9. Políticas Públicas de Saúde Indígena;



10. Rotulagem nutricional no Brasil.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1.

FINKEIMAN, J. Caminhos da Saúde Pública no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

BRASIL. Lei nº 8080 de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, 1990.

BRASIL. Lei nº 8142 de 28 de dezembro de 1990. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Brasília, 1990.

CAMPOS, G.W.S; BONFIM, J.R.A.; MINAYO, M.C.S. et al. (orgs). Tratado de Saúde Coletiva. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2012. 976 p.

2.

BRASIL. Portaria nº 154 de 24 de janeiro de 2008. Cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família - NASF. Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Nº 2.435, de 21 de setembro de 2017: Aprova nova versão da Política Nacional de Atenção Básica.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Nº 2.979, de 12 de novembro de 2019: Institui o Programa Previne Brasil, que estabelece novo modelo de financiamento de custeio da Atenção Primária à Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde, por meio da alteração da Portaria de Consolidação nº 6/GM/MS, de 28 de setembro de 2017. Diário Oficial: seção 1, nº220, p.97-99, 13 de novembro de 2019.

GIOVANELLA, L.; SCOREL, S.; LOBATO, L. V. C.; NORONHA, J. C.; CARVALHO, A. I. Políticas e Sistema de Saúde no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

PAIM, J.S.; FILHO, N.D.A. Saúde Coletiva - Teoria e Prática. Rio de Janeiro: MedBook Editora, 2014.

SOLHA, R.K.D. T. Sistema Único de Saúde - Componentes, Diretrizes e Políticas Públicas. São Paulo: Editora Saraiva, 2014.

STARFIEL, B. Atenção Primária: equilíbrio entre necessidades de saúde, serviços e tecnologia. Brasília: UNESCO, Ministério da Saúde, 2002.

3.

ARRUDA, B.K.G.; ARRUDA, I.K.G. Políticas de Alimentação e Nutrição no Brasil: breve enfoque dos delineamentos conceituais e propositivos. In: TADDEI, J.A.; LANG, R.M.F; LONGO-SILVA, G.; TOLONI, M.H.A; VEGA, J.B. organizadores. Nutrição em Saúde Pública. Rio de Janeiro: Rubio; 2016. p. 313-22.



BOSI, M.L.M; UCHIMURA, K.Y. Avaliação de políticas e programas em alimentação e nutrição. In: TADDEI JA, LANG, R.M.F; LONGO-SILVA, G.; TOLONI, M.H.A; VEGA, J.B. organizadores. Nutrição em saúde pública. Rio de Janeiro: Rubio; 2016. p. 323-29.

HAACK, A.; FORTES, R.; ALI, B. A.; ALVARENGA, A. P. Políticas e programas de nutrição no Brasil da década de 30 até 2018: uma revisão da literatura. Com. Ciências Saúde. 2018; 29(2): 126-138.

JAIME, P. C.; DELMUÉ, D. C. C.; CAMPELLO, T.; SILVA, D. O.; SANTOS, L. M. P. Um olhar sobre a agenda de alimentação e nutrição nos trinta anos do Sistema Único de Saúde. Ciência e Saúde Coletiva. 2018; 23(6): 1829-1836.

JAIME, P. C. Políticas Públicas de Alimentação e Nutrição. 1 Ed. São Paulo: Atheneu, 2019.

LEMOS, J. O. M.; MOREIRA, P. V. L. Políticas e programas de alimentação e nutrição: um passeio pela história. Revista Brasileira de ciências da Saúde. 2013; 17(4): 377-386. SILVA, SP. A trajetória histórica da segurança alimentar e nutricional na agenda política nacional: projetos, discontinuidades e consolidação.

VASCONCELOS, F. A. G. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. Revista de Nutrição, Campinas, v. 4, n. 18, p. 439-457, jul./ago. 2005.

VASCONCELOS, F. A. G.; MACHADO, M. L.; MEDEIROS, M. A. T.; NEVES, J. A.; RECINE, E.; PASQUIM, E. M. Public policies of food and nutrition in Brazil: from lula to temer. Revista de Nutrição, [S.L.], v. 32, p. 1-13, 2019. FapUNIFESP (SciELO).

4.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Alimentação e Nutrição / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. 1. ed., 1. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 84p.

5.

BRASIL. Lei Nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências.

BRASIL. Decreto Nº 7.272, de 25 de agosto de 2010. Regulamenta a Lei Nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - SISAN com vistas a assegurar o direito humano à alimentação adequada, institui a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - PNSAN, estabelece os parâmetros para a elaboração do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, e dá outras providências.

6.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional de Alimentação Escolar: Cartilha II da Agricultura Familiar. Brasília: Ministério da Educação, 2018.



BRASIL. Ministério da Educação. Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição Escolar UFRGS. Manual para aplicação dos testes de aceitabilidade no Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE: Caderno de Legislação 2021. Brasília: Ministério da Educação, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. O Papel do Nutricionista no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE): Manual de instruções operacionais para nutricionistas vinculados ao PNAE. 2.ed., Brasília: Ministério da Educação, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Recomendações para a execução do Programa Nacional de Alimentação Escolar no retorno presencial às aulas durante a pandemia da COVID-19: Educação alimentar e nutricional e segurança dos alimentos. Brasília: Ministério da Educação, 2020.

7.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria no 1.156, de 31 de agosto de 1990. Fica instituído, no Ministério da Saúde, o SISTEMA DE VIGILÂNCIA ALIMENTAR E NUTRICIONAL – SISVAN. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Orientações para a coleta e análise de dados antropométricos em serviços de saúde: Norma Técnica do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional - SISVAN / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2011.76 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM N° 1.378, de 9 de julho de 2013. Regulamenta as responsabilidades e define diretrizes para execução e financiamento das ações de Vigilância em Saúde pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, relativos ao Sistema Nacional de Vigilância em Saúde e Sistema Nacional de Vigilância Sanitária. Diário Oficial da União 2013; 9 jul.

BRASIL; Ministério da Saúde; Secretaria de Atenção à Saúde; Departamento de Atenção Básica. Marco de referência da vigilância alimentar e nutricional na atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Orientações para avaliação de marcadores de consumo alimentar na atenção básica [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica Manual Operacional Para Uso do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional Sisvan – Versão 3.0. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Portaria nº 984 de 06 de julho de 2006. Institui o Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional para os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (Sisvan-Indígena). Diário Oficial da República Federativa do Brasil,



Brasília, DF, v.143, n.130, p.35, jul.2006.

CALDAS, A. D. R.; SANTOS, R. V. Vigilância Alimentar e Nutricional para os povos indígenas no Brasil: análise da construção de uma política pública em saúde. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 22, p. 545-565, abr. 2012.

8.

BRASIL. Lei nº 9.836, de 23 de setembro de 1999. Acrescenta dispositivos à Lei no 8.080, de 19 de setembro de 1990, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE (FUNASA). Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

LEITE, M.S.; SANTOS, R.V.; COIMBRA JR, C.E.A.; GUGELMIN, S.A. Alimentação e Nutrição dos Povos Indígenas do Brasil. In: KAC, G.; SICHIERI, R.; GIGANTE, D.P. *Epidemiologia Nutricional*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Atheneu, 2007. P. 503-517.

COIMBRA JR C. E. A. Saúde e povos indígenas no Brasil: reflexões a partir do I inquérito nacional de saúde e nutrição indígena. *Cadernos de Saúde Pública*, [S.L.], v. 30, n. 4, p. 855-859, abr. 2014.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. Tekoha: Direitos dos Povos Guarani e Kaiowá: Visita do Consea ao Mato Grosso do Sul. Brasília: Presidência da República, 2017.

FERNANDES, T.O. et al. A Saúde na Reserva Indígena de Dourados: histórico, lutas e (re)existências. In: MOTA, J.G.B; CAVALCANTE, T.L.V. (org.). *Reserva Indígena de Dourados: histórias e desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Karywa, 2019. Ebook. DOI: 10.1017/CBO9781107415324.004. Disponível em: <https://editorakarywa.files.wordpress.com/2018/12/RID-Hist%C3%B3rias-e-Desafios-Contempor%C3%A2neos.pdf>.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE (FUNASA). Inquérito Nacional de Saúde e Nutrição dos Povos Indígenas: relatório final (análise dos dados). Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Saúde, 2009.

9.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sobre a SESAI. 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/saude-indigena/sobre-a-sesai>.

10.

BRASIL. Resolução – RDC nº 360, de 23 de dezembro de 2003: aprova regulamento técnico sobre rotulagem nutricional de alimentos embalados, tornando obrigatória a rotulagem nutricional. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 26 dez. 2003a.

BRASIL. Resolução – RDC nº 54, de 12 de novembro de 2012: dispõe sobre o regulamento técnico sobre informação nutricional complementar, 2012. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 12 nov. 2012.



**UFGD** Universidade Federal  
da Grande Dourados  
COORDENADORIA DO CENTRO DE SELEÇÃO

---

BRASIL. Resolução – RDC nº 26, de 02 de julho de 2015: dispõe sobre os requisitos para rotulagem obrigatória dos principais alimentos que causam alergias alimentares, 2015. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 02 jul. 2015.

BRASIL. Resolução – RDC nº 429, de 08 de outubro de 2020: dispõe sobre a rotulagem nutricional dos alimentos embalados, 2020. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 08 out. 2020.

BRASIL. Instrução Normativa – IN nº 75, de 08 de outubro de 2020: estabelece os requisitos técnicos para declaração da rotulagem nutricional nos alimentos embalados, 2020. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 08 out. 2020.

BRASIL. Resolução – RDC nº 493, de 15 de abril de 2021: dispõe sobre os requisitos de composição e rotulagem dos alimentos contendo cereais para classificação e identificação como integral e para destaque da presença de ingredientes integrais, 2015. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 15 abr. 2021.



**FACULDADE DE ENGENHARIA (FAEN)**

**ÁREA/SUBÁREA: ENGENHARIA DE ALIMENTOS/CIÊNCIA DE ALIMENTOS**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Quantificação dos principais constituintes dos alimentos: umidade, minerais, proteínas, lipídeos e carboidratos;
2. Colorimetria em análise de alimentos;
3. Espectrofotometria Ultra-Violeta e Visível em Análise de Alimentos;
4. Adsorção;
5. Extração L-L;
6. Extração S-L;
7. Análise Dimensional e Modelagem;
8. Escoamento em Tubos;
9. Análise Diferencial de Escoamento dos Fluidos;
10. Equações de Conservação de Massa e de Bernoulli.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**Bibliografia Básica**

1. CECCHI, Heloisa Mascia. Fundamentos teóricos e práticos em análise de alimentos. 2. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003. 206p.
2. SKOOG, WEST, HOLLER, CROUCH. Fundamentos de Química Analítica. 8 edição. 1026p.
3. TADINI, C. C.; TELIS, V. R. N.; MEIRELES, A. J. A.; PÊSSOA FILHO, P. A. Operações Unitárias na Indústria de Alimentos. Vol 1. RJ: LTC, 2016. 562 p.
4. TADINI, C. C.; TELIS, V. R. N.; MEIRELES, A. J. A.; PÊSSOA FILHO, P. A. Operações Unitárias na Indústria de Alimentos. Vol 2. RJ: LTC, 2016. 484 p.
5. BIRD, R. B., STEWART, W. E., LIGHTFOOT, K.N. - Fenômenos de Transporte – Editora LTC, 2004. 838 p.
6. FOX, R.W.; Mc DONALD, A.T. Introdução à mecânica dos fluidos. 7ª edição, tradução e revisão: KOURY, R.N.S.; MACHADO, L. LCT- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro, 2010. 710 p.
7. ÇENGEL, Y. A.; CIMBALA, J. M. Mecânica dos Fluidos: Fundamentos e Aplicações. 7a edição. Editora Mc Graw Hill, 2007.



### **Bibliografia Complementar**

1. ADOLFO LUTZ. Normas Analíticas do Instituto Adolfo Lutz. Métodos químicos e físicos para análises de alimentos. 3ª ed. vol. 1. São Paulo: O Instituto, 1985. 533p.
2. GEANKOPLIS, C.J. Transport Processes and Unit Operations. Third edition, Ed. Prentice Hall P T R, Englewood Cliffs, New Jersey, 1993. 921 p.
3. McCABE, W.L.; SMITH, J.C.; HARRIOT, P. Unit Operations of Chemical Engineering. 5th edition, McGraw-Hill, Inc., New York, 1993.

### **ÁREA/SUBÁREA: ESTRUTURAS/FUNDAÇÕES/ESTRADAS**

#### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Forças devidas ao vento em edificações com telhados em duas águas, simétricos e de planta retangular;
2. Combinação de ações em estruturas de aço;
3. Dimensionamento dos elementos estruturais em madeira: Flexo-compressão;
4. Dimensionamento de perfis laminados e soldados em aço: Compressão;
5. Ações atuantes em pontes de concreto armado e protendido;
6. Linhas de influência de estruturas isostáticas;
7. Capacidade de carga geotécnica em estacas;

Critérios para seleção e escolha do tipo de fundação;

8. Concordância horizontal em estradas com curvas circulares simples;
9. Superelevação em estradas.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. ANTAS, P. M.; VIEIRA, A.; GONÇALO, E. A.; LOPES, P. A. S. Estradas: projeto geométrico e de terraplanagem. 1º ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2010.
2. BELLEI, I. H. Edifícios Industriais em Aço: projeto e cálculo. 6º ed. São Paulo: PINI, 2010.
3. CARLITO, C. J.; LAHR, F. A. R.; DIAS, A. A. Dimensionamento de Elementos Estruturais de Madeira. 1º ed. São Paulo: Manole, 2003.
4. CHAMBERLAIN, Z.; FICANHA, R.; FABEANE, R. Projeto e cálculo de estruturas de aço: Edifício industrial detalhado. 1º ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
5. DNER – DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM. Manual de projeto geométrico de rodovias rurais. Rio de Janeiro: IPR, 1999. (IPR. Publ., 706).
6. FREITAS, M. Infra-estrutura de pontes de vigas: distribuição de ações horizontais: método geral de cálculo. 1º ed. São Paulo: Blucher, 2017.



7. LEONHARDT, F. Construções de concreto: princípios básicos de construção de pontes de concreto. 1º ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2013.
8. PFEIL, W; PFEIL, M. Estruturas de Madeira: dimensionamento segundo a norma brasileira NBR 7190/97 e critérios das normas norte-americana NDS e europeia EUROCODE 5. 6º ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.
9. REBELLO, Y. C. P. Fundações: Guia prático de projeto, execução e dimensionamento. 1º ed. São Paulo: Zigurate, 2016.
10. VELLOSO, D. A.; LOPES, F. R. Fundações profundas. 1º ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2014.

### **ÁREA/SUBÁREA: ESTRUTURAS/SOLOS/INSTALAÇÕES PREDIAIS**

#### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Instalação Predial de Água Fria;
2. Instalação Predial de Esgoto Sanitário;
3. Instalação Predial de Água Quente;
4. Parâmetros de Estabilidade Global em edifícios;
5. Lançamento estrutural de um edifício em concreto armado no software TQS®;
6. Processo de Cross;
7. Método das Forças;
8. Arcos e Pórticos com tirantes ou escoras;
9. Tensões geostáticas;
10. Compactação do solo.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT):
  - a. NBR 5626: Instalação Predial de água fria. Rio de Janeiro, 1996.
  - b. NBR 6118: Projeto de estruturas de concreto — procedimento. Rio de Janeiro, 2014.
  - c. NBR 7198: Projeto e execução de instalações prediais de água quente. Rio de Janeiro, 1993.
  - d. NBR 8160: Sistemas prediais de esgoto sanitário - projeto e execução. Rio de Janeiro, 1999.
2. CAD/TQS. Sistemas computacionais de engenharia estrutural - manual de exemplos passo a passo. São Paulo, SP, 2003.
3. CREDER, H. Instalações hidráulicas e sanitárias. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.



4. DAS, B. M, SOBHAN, K. Fundamentos de Engenharia Geotécnica. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2015.
5. KASSIMALI, A. Análise Estrutural. Tradução da 5ª Edição Norte-Americana. 1 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.
6. KNAPPETT, J. A, CRAIG, R. F. Mecânica dos Solos. 8 ed. Rio de Janeiro, RJ: Itc, 2014.
7. MACINTYRE, A. J. Instalações hidráulicas: prediais e industriais. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.
8. MARTHA, Luiz Fernando. Análise de estruturas: conceitos e métodos básicos. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2010. 524p
9. PINTO, C. S. Curso básico de mecânica dos solos com exercícios resolvidos em 16 aulas. 3. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2006
10. SUSSEKIND, JOSE CARLOS. Curso de análise estrutural: deformações em estruturas. Método das forças. Porto Alegre: Globo, 1984.

#### ÁREA/SUBÁREA: HIDROTECNIA

#### PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA

1. Hidráulica dos condutos forçados.
2. Hidráulica dos condutos livres.
3. Sistemas de tratamento de água para consumo humano.
4. Sistemas de tratamento de esgotos sanitários
5. Cinemática dos fluidos: equações fundamentais.
6. escoamento superficial: modelos chuva-vazão
7. Drenagem urbana: dimensionamento de sistemas de microdrenagem.
8. Drenagem urbana: dimensionamento de sistemas de macrodrenagem.
9. Regularização de vazões.
10. Estática dos fluidos: força e centro de pressão em superfície submersa.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AZEVEDO NETTO, MARTINIANO, J. Manual de Hidráulica. São Paulo: Edgard Blucher, 8. ed, 1998.
2. BAPTISTA, M.; LARA, M. Fundamentos de Engenharia Hidráulica. Belo Horizonte: UFMG, 3. ed, 2010.
3. BRUNETTI, F. Mecânica dos fluidos. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.
4. ÇENGEL, Y. A. CIMBALA, J. M. Mecânica dos fluidos: fundamentos e aplicações. 3. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.



**UFGD** Universidade Federal  
da Grande Dourados  
COORDENADORIA DO CENTRO DE SELEÇÃO

---

5. HELLER, Léo; DE PADUA, VALTER LUCIO. Abastecimento de água para consumo humano. Editora UFMG, 2006.
6. PORTO, R. M. Hidráulica básica. São Carlos: EESC/USP, 4. edição, 2006.
7. TUCCI, C. E. M. et al. (organizadores). Hidrologia: ciência e aplicação. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS/ABRH, 2014.
8. TUCCI, C.E.M; PORTO, R.L. e BARROS, M.T. Drenagem Urbana. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
9. VON SPERLING, M. Princípios básicos do tratamento de esgoto. Belo Horizonte: UFMG, 2. ed, 2016.



**FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS (FCA)**

**ÁREA/SUBÁREAS: ENGENHARIA AGRÍCOLA/ENGENHARIA DE PÓS-COLHEITA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS/LEGISLAÇÃO PROFISSIONAL**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Operações unitárias em unidades armazenadoras de grãos e sementes;
2. Psicrometria aplicada ao armazenamento;
3. Pragas de grãos armazenados: conceitos e identificação;
4. Qualidade de grãos e sementes durante o armazenamento;
5. Projetos de unidades armazenadoras;
6. Principais componentes de um sistema de refrigeração agroindustrial;
7. Cálculo de carga térmica em sistemas agroindustriais;
8. Código de ética profissional.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. WEBER, E. A. Excelência em beneficiamento e armazenagem de grãos. Canoas: Editora Salles, 2005. 586p.
2. SCUSSEL, V. M. Atualidades em micotoxinas e armazenagem de grãos II. Florianópolis, SC: Ed. UFSC, 2008. 586p.
3. LORINI, I.; MIKE, L. H.; SCUSSEL, V. M.; FARONI, L. R. D. Armazenagem de grãos. Jundiaí: IBG Instituto Bio Geneziz, 2018. 1031p.
4. SILVA, J. S. Secagem e armazenagem de produtos agrícolas. Viçosa: Aprenda Fácil, 2008. 560 p.
5. ATHIÉ, V.; PAULA, D. C. Insetos de grãos armazenados: aspectos biológicos e identificação. São Paulo: Varela, 2002. 244 p.
6. DOSSAT, Roy J. Princípios de refrigeração: teoria, prática, exemplos, problemas, soluções. São Paulo: Hemus, 2004. 884.
7. STOECKER, W. F; JABARDO, J. M. Saiz. Refrigeração industrial. 2. ed. São Paulo, SP: Blucher, 2002. 371p
8. CONFEA. Código de Ética Profissional da Engenharia, da Agronomia, da Geologia, da Geografia e da Meteorologia. 11 edição, 2019.



## ÁREA/SUBÁREA: AGRONOMIA/ENTOMOLOGIA APLICADA A AGRICULTURA

### PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA

1. Pragas das culturas hortícolas: identificação, biologia, sintomas de ataque e controle;
2. Pragas das espécies frutíferas tropicais: identificação, biologia, sintomas de ataque e controle;
3. Pragas das espécies florestais: identificação, biologia, sintomas de ataque e controle;
4. Ácaros-praga de importância agrícola: espécies, identificação, principais culturas hospedeiras, biologia, sintomas de ataque e controle;
5. Controle alternativo de pragas para os sistemas orgânicos de produção agrícola;
6. Receituário Agrônomo: exercício e legislação profissional, ética e a prescrição;
7. Modo de ação (MoA) dos grupos de inseticidas e acaricidas;
8. Manejo da resistência de insetos e ácaros aos pesticidas;
9. Principais formas de uso dos casos de sucesso de Controle Biológico no Brasil: parasitoides e predadores;
10. Principais formas de uso dos casos de sucesso de Controle Microbiano Aplicado no Brasil: fungos, bactérias, vírus e nematoides.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, S.B. & LOPES, R.B. (Eds.). Controle Microbiano de Pragas na América Latina: avanços e desafios. FEALQ, Piracicaba, 2008. 414 p.
2. FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz. Curso de Entomologia Aplicada a Agricultura. FEALQ, Piracicaba, 1992. 760 p.
3. IRAC Brasil – Comitê de Ação à Resistência a Inseticidas. <<https://www.illac-br.org/>>. Acesso em: 21 de setembro de 2021.
4. MORAES, G. & FLECHTMANN, C.H.W. Manual de Acarologia: Acarologia básica e ácaros de plantas cultivadas no Brasil. Holos, Piracicaba, 2008, 1ª edição. 308 p.
5. GALLO, D. et al. Manual de Entomologia Agrícola. Livroceres, São Paulo, 2002. 920 p.
6. PARANÁ, Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do. CREA-PR. Manual de Orientação sobre Receituário Agrônomo, Prescrição, Uso e Comércio de Agrotóxicos. Curitiba, 2016. Disponível em: <<https://www.crea-pr.org.br/ws/wp-content/uploads/2016/12/manual-de-orienta%C3%A7%C3%A3o-sobre-receitu%C3%A1rio-agron%C3%B4mico.pdf>>. Acesso em: 21 de setembro de 2021.
7. PARRA, J.R.P. et al. (Eds.). Controle Biológico com Parasitoides e Predadores na Agricultura Brasileira. FEALQ, Piracicaba, 2021. 1ª edição. 592 p.
8. VENZON, M. et al. Tecnologias alternativas para o controle de pragas e doenças.



**UFGD** Universidade Federal  
da Grande Dourados  
COORDENADORIA DO CENTRO DE SELEÇÃO

---

EPAMIG, Viçosa. 2006. 378 p.

9. ZAMBOLIN, L. et al. (Eds.). O que Engenheiros Agrônomos devem saber para orientar corretamente o uso de produtos fitossanitários. UFV, Viçosa, 2019. 5ª edição ampliada. 653 p.

10. ZUCCHI, R.A. et al. Guia de identificação de pragas agrícolas. Piracicaba, FEALQ. 1993. 139 p.



**FACULDADE CIÊNCIAS HUMANAS (FCH)**

**ÁREA/SUBÁREA: ANTROPOLOGIA**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Teorias Antropológicas;
2. Antropologia no Brasil;
3. Antropologia e a produção do pensamento social brasileiro;
4. A questão da inserção do negro na sociedade nacional: a mestiçagem;
5. Cultura, identidade, relações interétnicas e políticas da alteridade;
6. Abordagens teórico-metodológicas da pesquisa de campo em antropologia.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. CARDOSO, R. (Org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
2. CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura com asas. São Paulo, COSAC- NAIFY, 2009. DA
3. MATTA, R. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
4. GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
5. MELATTI, J. C. Antropologia no Brasil: um roteiro. BIB Revista Brasileira de Informação Bibliográfica de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n.17, p.3-52, 1984.
6. POUTIGNAT, P.; Streiff-Fenart, J. (Org.). Teorias da etnicidade. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.
7. SAHLINS, Marshall. "O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: Por que a cultura não é um 'objeto' em via de extinção" (Parte I). Mana-Estudos de Antropologia Social, volume 3, número 1, abril de 1997.
8. SAHLINS, Marshall. "O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: Por que a cultura não é um 'objeto' em via de extinção" (Parte II). Mana-Estudos de Antropologia Social, volume 3, número 2, 1997.
9. VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura. Rio de Janeiro, 2 ed., Zahar, 1997.

**ÁREA/SUBÁREA: SOCIOLOGIA**

**PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Sociologia e modernidade: o surgimento da "ciência da sociedade";
2. Introdução à Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber;
3. O pensamento de Marx;
4. A sociologia de Durkheim;



5. A sociologia de Weber;
6. Sociologia Contemporânea;
7. Pensamento Social no Brasil;
8. Educação em Direitos Humanos.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L.M. Um enigma chamado Brasil: 29 interpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
2. CANDAU, Vera Maria et al. Educação em Direitos Humanos e formação de professores (as). 1ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2014.
3. CARNOY, Martin. Estado e Teoria Política. 2 ed. Campinas: Papius, 1988.
4. CHAUI, Marilena de Souza. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2007.
5. DOMINGUES, José Maurício. Teorias Sociológicas no Século XX. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
6. DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
7. GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. (orgs). Teoria Social Hoje. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
8. GODOY, R. M. (org). Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos. João Pessoa: Editora UFPB, 2007.
9. HARVEY, David. Condição Pós Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
10. HUNT, Lynn. A invenção dos direitos humanos: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
11. IANNI, O. A sociologia e o mundo moderno. Revista Tempo Social, SP, 17:7-27, 1989.  
\_\_\_\_\_, Pensamento Social no Brasil. Bauru – SP: EDUSC, 2004.
12. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
13. MIRANDA, Marília Gouvea de (org). Educação e desigualdades sociais. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.
14. WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 2009.



### **ÁREA/SUBÁREA: CIÊNCIA POLÍTICA**

#### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Política: definição e perspectivas.
2. Teoria Política Moderna.
3. Teoria Política Contemporânea.
4. Estado e Teoria Política.
5. Democracia, representação e participação política.
6. Política Brasileira.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. AVELAR, L; CINTRA, A. O. Sistema Político Brasileiro: uma introdução. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer-Stiftung/ Fundação Unesp, 2007.
2. BOBBIO, Norberto. Teoria Geral da Política. Rio de Janeiro: Campus, 2000. (Cap. 3).
3. BORON, Atilo. Filosofia política e crítica da sociedade burguesa: O legado teórico de Karl Marx In: \_\_\_\_\_; Filosofia política moderna. De Hobbes a Marx. LACSO/DCPFLCH/Universidade de São Paulo, 2006.
4. CARNOY, Martin. Estado e teoria política. Campinas: Papyrus, 1988. (Cap. 2, 3 e 4).
5. FERES JÚNIOR, J.; POGREBINSCHI, T. Teoria Política Contemporânea. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
6. LEAL, Vitor N. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
7. PATEMAN, Carole. Participação e teoria democrática. São Paulo: Paz e Terra, 1992. Cap. 1 e 2. POULANTZAS, N. Poder Político e Classes Sociais. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1986.
8. SOUZA, Maria do Carmo C. Campello de. Estado e Partidos Políticos do Brasil: 1930 a 1964. São Paulo: Alfa Omega, 1983.
9. WEBER, Max. Ciência e política: duas vocações. São Paulo, SP: Cultrix, 2011. (Cap. 2- A política como vocação).
10. WEFFORT, F. C. (Org.). Os Clássicos da Política. São Paulo: Ática, 2001. 2v.

### **ÁREA/SUBÁREA: CARTOGRAFIA E CARTOGRAFIA ESCOLAR**

#### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Escalas cartográficas e geográficas;
2. Sistemas de Referências (Datum, Projeção, Coordenadas e Unidades de Medidas);
3. Elementos de representação: planimetria e altimetria;
4. Semiologia Gráfica;



5. Classificação de Dados para Cartografia Temática;
6. Anamorfose Geográfica;
7. Alfabetização Cartográfica;
8. Atlas Escolares: limitações, potencialidades e usos no contexto escolar;
9. Geotecnologias Aplicadas ao Ensino de Geografia.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. OLIVEIRA, Cêurio de. Dicionário cartográfico. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 1983;
2. FITZ, Paulo Roberto. Cartografia básica. São Paulo: Oficina de Textos, 2008;
3. VENTURI, L. A. B. Praticando geografia: técnicas de campo e laboratório. São Paulo: Oficina de Textos, 2005;
4. JOLY, Fernand. A cartografia. 15. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013;
5. MARTINELLI, Marcello. Mapas da geografia e cartografia temática. 4. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2007;
6. MENEZES, P. M. L.; FERNANDES, M. C.. Roteiro de Cartografia. São Paulo: Oficina de Textos, 2013;
7. ALMEIDA, R. D. Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia. São Paulo, SP: Contexto, 2011;
8. FONSECA, F. P.; OLIVA, J. T. Cartografia. São Paulo: Melhoramentos, 2013;
9. ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. O espaço geográfico: ensino e representação. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

#### **ÁREA/SUBÁREA: GEOGRAFIA HUMANA**

##### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Geografias Indígenas;
2. Gênese da Geografia Cultural;
3. Geografia Cultural no Brasil;
4. Diversidade étnica e fundiária no Brasil;
5. Desigualdade socioespacial e Racismo Estrutural;
6. Metodologias qualitativas em trabalho de campo.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.



2. ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia Cultural**: uma ontologia. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.
3. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUEZ, Marta Inês Medeiros. **O campo no século XXI**: Território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela; Paz e Terra, p.207-254.
4. LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia**. Brasília: DAN/UnB, n. 322, p.01-32, 2002. Disponível em: <http://nute.ufsc.br/bibliotecas/upload/paullittle.pdf>
5. GOETTERT, Jones Dari; MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. Gentes|terras: o ouvir mútuo das Geografias Indígenas. Dossiê Geografias Indígenas - **Revista NERA**, v. 23, n. 54, p. 9-34, mai.-ago., 2020.
10. TURRA NETO, N. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **RA'EGA**, Curitiba, v. 23, p. 340-375, 2011.

#### ÁREA/SUBÁREA: GEOGRAFIA FÍSICA

#### PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA

1. Bacias Hidrográficas como unidade territorial de gerenciamento;
2. O Planejamento Ambiental como instrumento de gerenciamento territorial;
3. Tipos de solos e sua respectiva fragilidade ambiental;
4. Morfometria de Bacias Hidrográficas;
5. Águas subterrâneas e sua importância estratégica para o Brasil;
6. Sobre as regiões hidrogeográficas do Brasil;
7. Danos ambientais e estratégias de mitigação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHRISTOFOLETTI, Antonio. Geomorfologia. 2. ed. São Paulo, SP: Blucher, 1980. 188p.
2. \_\_\_\_\_. Geomorfologia fluvial. São Paulo, SP: Blucher, 1981. v.1.
3. GUERRA, A. J. T.; SILVA, A. S.; BOTELHO, R. G. M. Erosão e conservação dos solos. São Paulo: Bertrand Brasil, 10 ed., 1999. 340 p.
4. GUERRA, A. J. T.; JORGE, M. C. O. Processos erosivos e recuperação de áreas degradadas. São Paulo: Oficina de Textos, 1 ed., 2013. 192 p.
5. SANCHEZ, L. E. Avaliação de impacto ambiental: conceitos e métodos. São Paulo : Oficina de Textos, 2006. 495 p.
6. SANTOS, H. G. et al. Sistema Brasileiro de Classificação de Solos - 5. ed., rev. e ampl. – Brasília, DF : Embrapa, 2018. 356 p. - <https://www.embrapa.br/en/solos/sibcs>



7. SANTOS, R. F. Planejamento ambiental: teoria e prática. São Paulo: Oficina de Textos, 1 ed., 2004. 184 p. ISBN: 978-85-86238-62-8
8. TUNDISI, J. G. Recursos hídricos no Brasil: problemas, desafios e estratégias para o futuro. – Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2014. 76 p.: 25 cm. - <http://www.abc.org.br/IMG/pdf/doc-5923.pdf>
9. TUNDISI, J. G.; MATSUMURA-TUNDISI, T. Recursos Hídricos no século XXI. São Paulo: Oficina de Textos, 1 ed., 2011. 328 p.
10. STEVAUX, J. C.; LATRUBESSE, E. M.; MENDONÇA, F. Geomorfologia fluvial. São Paulo: Oficina de textos, 1 ed., 2017. 320 p.

### ÁREA/SUBÁREA: ENSINO DE HISTÓRIA / ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA

#### PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA

1. Indissociabilidade da pesquisa e do ensino em História na formação do professor de História;
2. O ofício do historiador e a prática docente;
3. O currículo de História e suas implicações na formação docente;
4. Perspectivas do Estágio Supervisionado em História em espaços sociais diferenciados;
5. Estágio Supervisionado e lugares de produção do conhecimento histórico;
6. Memória e ensino de história;
7. Saberes docentes e Formação de Professores de História;
8. A sala de aula como espaço de formação profissional;
9. Novas tecnologias, mídias e ensino de história;
10. Profissão docente e ensino de história: articulação entre teorias da História e metodologia.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Orgs.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.
2. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino e história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.
3. CAIMI, Flávia Eloisa. Aprendendo a Ser Professor de História. Passo Fundo: UPF Editora, 2008.
4. CALDERANO, Maria da Assunção (org.). Estágio Curricular: concepções, reflexões teórico-práticas e proposições. Juiz de Fora, MG: Editora da UFJF, 2012.
5. CERTEAU, Michel de. A escrita da história. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.



6. FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados . 13.ed. Campinas: Papirus, 2012.
7. JESUS, Nauk Maria de; PERLI, Fernando. A Produção de Lugares na Formação Docente: experiências no Laboratório de Ensino de História da UFGD. História & Ensino, Londrina, vol. 21, nº. 2, p. 209-234, jul./dez. 2015.
8. MONTEIRO, Ana Maria. Professores de História: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
9. PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004.
10. ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; CONTIJO, Rebeca (Orgs.). O Ensino de História em Questão: cultura histórica, usos do passado. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

#### **ÁREA/SUBÁREA: PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO**

##### **PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA**

1. Diferentes perspectivas em desenvolvimento humano;
2. Estabilidade e mudança durante o ciclo vital;
3. Teorias da Personalidade. A perspectiva psicodinâmica da personalidade;
4. Análise da estrutura, dinâmica e desenvolvimento da personalidade segundo diferentes teorias;
5. Influências do temperamento no desenvolvimento humano;
6. Pesquisa e intervenção no campo de desenvolvimento humano: limites e possibilidades;
7. Contribuições da Psicologia do desenvolvimento em diferentes campos de saberes;
8. Intervenção precoce e múltiplos olhares sobre as potencialidades e necessidades das famílias.

##### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. BECKER, Scheila Machado da Silva; BANDEIRA, Cláudia de Moraes; GHILARDI, Ricardo Bertazzo; HUTZ, Claudio Simon; PICCININI, César Augusto. Psicologia do Desenvolvimento Infantil: Publicações Nacionais na Primeira Década do Século XXI. Psico, v. 44, n. 3, p. 372–381, 2013.
2. DESSEN, Maria Auxiliadora. Cuidados com a criança e a família: a base para o desenvolvimento infantil. In: MELCHIORI, L. E.; RODRIGUES, O. M. P. R.; MAIA, A. C. B. (org.). Famílias e Crianças: reflexões teórico-práticas sobre os cuidados com as crianças. 1a ed. Curitiba: Juruá, 2012. p. 13–28.
3. DOBROCHINSKI, Sarah Camila Almeida; PARRA, Cláudia Regina. A Essencialidade Da Intervenção Precoce em Crianças com Deficiência Intelectual. O portal dos Psicólogos, p. 1–10, 2016. Disponível em <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0968.pdf>



4. FERREIRA, Ismael. Relações entre Eventos Estressores Precoces , personalidade e sintomas psiquiátricos : um estudo exploratório em amostra não clínica. *Psico*, v. 50, n. 1, p. 1–9, 2019.
5. FERREIRA, Tahena Silva; FALCÃO, Alessandra Pereira; OLIVEIRA, Ana Paula de; et. Intervenção precoce e a participação da família : relato de profissionais de APAES. *Revista Educação Especial*, v. 32, p. 1–20, 2019.
6. LINHARES, Maria Beatriz Martins; MARTINS, Carolina Beatriz Savegnago. O processo da autorregulação no desenvolvimento de crianças. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 32, n. 2, p. 281–293, 2015.
7. MARTOREL, Gabriela; PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *O mundo da criança*. 13a ed. Porto Alegre: Artmed, 2020.
8. PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed, 2013.

#### ÁREA/SUBÁREA: METODOLOGIA CIENTÍFICA E POLÍTICAS PÚBLICAS

##### PONTOS PARA A PROVA DIDÁTICA

1. O método científico: fundamentos históricos;
2. Concepções teórico-metodológicas de investigação científica;
3. Questões éticas em pesquisa com seres humanos nas Ciências Sociais e Humanas;
4. Abordagens metodológicas de pesquisa em Psicologia;
5. O planejamento da pesquisa;
6. Pressupostos, métodos e técnicas da abordagem qualitativa de pesquisa;
7. Cidadania e políticas sociais no Brasil;
8. Psicologia e políticas de saúde;
9. Psicologia e políticas de assistência social;
10. Desigualdades sociais e políticas públicas.

##### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Editora Fiocruz: RJ. 2007.
2. CARDOSO JR, José Celso & JACCOUD, Luciana (2005). Políticas sociais no Brasil: organização, abrangência e tensões da ação estatal. In: Jaccoud, Luciana, et al (orgs). **Questão social e políticas sociais no Brasil contemporâneo**. IPEA, Capítulo 5 (pg. 181-260).
3. CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2008. 236p.



4. GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa (organizadoras). **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde.** Editora Fiocruz, 2003.
5. MARQUES, Eduardo; FARIA Carlos Aaurélio Pimenta de (org). **A política pública como campo multidisciplinar.** Editora Fiocruz/ Editora Unesp, 2013.
6. MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
7. RIBEIRO, Maisa Elena; GUZZO, Raquel Souza Lobo (2014). Psicologia no Sistema Único de Assistência Social (SUAS): reflexões críticas sobre ações e dilemas profissionais. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 9, n. 1, p. 83-96.
8. SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 78, 2007
9. SAWAIA, Bader (org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Editora Vozes, 2017.
10. SILVA, Carlos Roberto de Castro; MENDES, Rosilda; NAKAMURA, Eunice. A dimensão da ética na pesquisa em saúde com ênfase na abordagem qualitativa. **Saúde e Sociedade**, v. 21, p. 32-41, 2012.